

Até 6^a, possível acordo com

O ESTADO DE S. PAULO — 29

credores

A previsão é de uma fonte do governo dos EUA que considerou a nova proposta brasileira mais aceitável para os banqueiros

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Com uma nova disposição animando as negociações entre o Brasil e seus credores, desde ontem, um funcionário do governo americano antecipou para o Estado: "Há quem acredite que até a próxima sexta-feira possamos concluir um acordo de princípio".

A mudança foi confirmada pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, desde ontem de volta a Nova York: "Acho que há uma boa perspectiva para se chegar a um entendimento com os banqueiros", ele disse, entrando no prédio dos escritórios dos advogados Shearman and Sterling para uma nova rodada de negociações. O que mudou?

"O Brasil apresentou uma nova proposta. E ela parece ser mais aceitável, mais positiva para os banqueiros", explicou um funcionário do governo americano que segue de perto as negociações, dizendo: "Trata-se de uma maneira de pagar parte dos juros de 1988, a partir deste mês". Essa fonte nada sabia dos rumores de que Milliet teria vindo com um cheque de US\$ 245 milhões para pagar um terço dos juros de janeiro, como chegou a circular no Brasil. Mas acrescentou: "Pagar um terço dos juros é a posição oficial do Brasil. Só que se pode ver a coisa de duas perspectivas: uma, a de que os pagamentos sejam mensais, e, outra, a de que os pagamentos sejam feitos trimestralmente. Então, se o Brasil pagar um dos trimestres sozinho, rece-

berá um financiamento para outros três. A nosso ver, dá na mesma. A proporção continua sendo a de um terço".

Quando consultado, ontem, sobre este esquema, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse que "nós temos uma proposta na qual indicamos a nossa necessidade de financiamento". Lembrou que "esta proposta não é nova e foi formulada há muito tempo". E concluiu:

"O que caberia discutir numa hipótese de um terço e dois terços seria o prazo que vai de um acordo nas negociações em curso até a entrada em regime de desembolso dos contratos. Dificilmente esses contratos poderiam entrar em regime de desembolso antes de junho" — e ele explicou o processo burocrático de obter a aprovação da maioria dos bancos, e depois a assinatura de cada um para o acordo entrar em vigor. "Então, o que poderíamos estar discutindo é um aspecto acessório do acordo. Ou seja: como é que nós vivemos neste período em que o acordo, mesmo que de certa forma concluído, ainda não esteja em vigor?"

— Um empréstimo-ponte? — perguntou-lhe um repórter.

"Isto seria um empréstimo-ponte", ele confirmou, indicando que não havendo mais conflito entre as partes, "não vejo porque adiar indefinidamente uma solução". Para ele, "isto talvez não seja difícil de ser acordado", porque já se previa, nos cronogramas do primeiro acordo interino, que "alguma solução desse ti-



Milliet em Nova York: "A perspectiva é boa"

AFP

po seria necessária. Mas eu insisto que isto é um acessório do acordo, e não o essencial".

Quando lhe perguntaram se tinha trazido mesmo um cheque de US\$ 245 milhões para iniciar o pagamento dos juros aos banqueiros, Milliet respondeu: "Não trouxe cheque nenhum. Trouxe uma renovada disposição de prosseguir o mais rápido possível (as negociações para) um acordo de médio prazo".

Para uma fonte em Washington, também envolvida nas negociações, o que contribuiu para a mudança de clima, antes confrontacional, foi "uma mudança de retórica e o claro empenho para se chegar a um acordo, evitando sinais contraditórios". Para ela, "não se amarrrou ainda um

acordo", e muito do que foi decidido pode sofrer alguma alteração durante as negociações. O exemplo dado foi o da decisão de depositar o dinheiro numa conta caução, para o acordo anterior, e que nunca se materializou, por problemas práticos. Mas esta saída permitiu que as negociações continuassem, mesmo que tomando uma outra direção.

"Os avanços são muito claros, embora não esculpidos de forma definitiva", explicou a mesma fonte, justificando a falta de informações mais precisas sobre os progressos nas negociações.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, virá a Washington, em algum momento, nesta semana, para encontros no Departamento do Tesouro.